



2.^a Quinzena de Agosto

N.º 13

1.º ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*

Prop. Administrador, HUBERTO GONÇALVES

Red. e Adm. R. D. ANTONIO BARROSO, 22

Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e impresso--Typ. "Centro de Novidades,--Barcellos

OS BALDIOS

OS municípios barcelenses, têm despresado por completo essa grande riqueza publica inexplorada, que se chama baldios.

A que attribuir tão enorme falta?

Nós responderemos que tem sido, por um lado, a politica; por outro, a falta de energia e força de vontade.

E' preciso pensar a serio numa questão tão importante, tratar desde já do levantamento da planta e nivelamento, avaliação da area, estudo agrologico, etc.

Deve procurar destrinçar-se quaes as condições economicas, relativamente ás freguezias limitrophes.

Tudo isto a camara poderá fazer sem dispender grandes quantias, pedindo ao governo os technicos competentes, para os estudos a que se propõe.

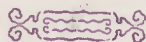
Em parte alguma do paiz se vê tão grandes tractos de terreno, onde não falta a agua, completamente estereis.

Devemos tirar utilidade d'aquillo que nos pertence, mostrar que trabalhamos de-baixo d'uma orientação definida; caso contrario, estamos sujeitos a que uma força conquistadora nos arrebate o que desprezamos, da mesma maneira que qualquer potencia invade e occupa qualquer territorio inexplorado.

Sugerem-nos dois meios, que não podemos por ora affirmar satisfazerem em absoluto; porque não conhecemos de perto as condições economicas espezias: um o que con-

sistisse no revestimento florestal, adequado á natureza do terreno, clima e condições de economia florestal: outro que diz respeito, ao aforamento geral por hectare.

A redacção d'este jornal, que bem tem demonstrado o quanto deseja trabalhar em proveito de Barcellos e reconhecendo a necessidade urgente de procurar dotar-se o nosso município com novas receitas, declara-se abertamente collocada ao lado de quem procure estudar o assumpto e procurar o aproveitamento dos baldios como fonte de receita municipal, não se poupando, nem a trabalho, nem a sacrificios.



HISTORIA

O POYO

(continuado do n.º anterior)

Proseguindo no estudo do antigo bairro do Poyo, diremos hoje alguma coisa sobre a etymologia do seu nome.

Dos auctores que se têm occupado de Barcellos, só dois, que nos conste—Amaral Ribeiro e o abbade do Louro — é que trataram d'este assumpto, ainda que muito perfunctoriamente.

Diz o primeiro, na sua «Noticia Descritiva de Barcellos», pag. 17 da 2.^a edição, que a denominação de Poyo, que este largo teve primitivamente, lhe veio talvez de uns fornos publicos que n'elle havia, e confessa desconhecer os fundamentos com que modernamente lhe chamam Apoio.

Quanto a esta etymologia, semos obrigados a dizer que discordamos em absoluto da opinião do illustrado barcellense, e isto pela razão simples de que, para que ella fosse pelo menos accetavel, indispensavel seria que primeiro tivesse demonstrado a existencia de algum forno publico n'aquelle local, o que não fez, como lhe cumpria, per-

C.M.B.
Biblioteca

dendo assim todo o valor a sua maneira de vêr.

E haveria, como dizem, fornos publicos no largo do Poyo?

Não o cremos, porque até este momento nenhuns indícios temos encontrado, que possam constituir principio de prova.

Que os houve em tempos remotos e em diferentes pontos da villa, é um facto esse indiscutível, attestado por documentos de irrefragavel authenticidade. D'entre alguns que conhecemos, citaremos apenas um — «o Tombo velho da Gafaria de Barcellos», que pode ser consultado no archivo da nossa Misericórdia.

Descrevendo alguns predios urbanos pertencentes á mesma Gafaria em 1498, diz o precioso manuscrito :

«Item na dita rua (*Cima de villa*, hoje rua D. Antonio Barroso) outra casa de hum sobrado, *que está defronte do forno*, he repartida na logea em duas por parede até o sobrado e parte do levante com casa de Jeronymo Gil Serralheiro, e sae com portal na rua publica, e para o ábrego sae com outra porta para hum saida de chão vive n'ella Gonçalo Vaz Alfaate, que a traz empazada, etc.»

E mais adiante :

«Item outra casa que está na rua de fundo de villa (ou *Fundevilla*, hoje a parte da rua Duque de Bragança comprehendida entre a rua dos Açougues e a antiga Porta do Valle) *em frente do forno* *ermo que foi de Martin Ribeiro*, que he de Alvaro Pinheiro, a qual casa foi de Afonso Martins Tabellão, e hoje he de Lop'aíres Afonso, e parte contra levante com pardieiro de João Vaz Alfaate, e do poente parte com casa de Maria Pires a *Forneira*, e sae com o portal na rua publica ; paga de censo cada anno á dita ordem cinco soldos.»

D'outros fornos publicos ainda temos conhecimento ; mas não os mencionamos, porque os dois referidos, ficando em ruas muito proximas do Poyo, quasi excluem a possibilidade de os haver n'este largo.

Suppondo, porem, que os houvesse, perguntamos : E seria essa circumstancia motivo bastante para que áquelle bairro se desse o nome de Poyo ?

Evidentemente que não ; porque entre forno e a palavra poyo não ha, como logo mostraremos, relação alguma.

Se o largo tivesse o nome de Poya, então sim ; então teríamos no forno ali existente a etymologia *provavel* do seu nome, porque poya ou poia, segundo a opinião dos nossos mais abalisados lexicographos, significa «pão alto ou bolo grande de trigo ; (prov. trasm. e beir.) bôla ou pão chato, que o dono de uma fornada dá, como retribuição, ao dono do forno onde coze o pão.» (vid. *Dicc. da Ling. Port.*, do Snr. Candido de Figueiredo).

Da mesma opinião é Pinho Leal, accrescentando que «ainda em muitas terras se denomina *forno da poya* aquelle em que os povos cozem o seu pão, mediante o pagamento de certas *poyas* na proporção da fornada». (Vid. *Port. Ant. e Mod.*, vol. 6.º, pag. 647).

E, finalmente, Viterbo, que diz : «Com allusão á eminencia de um monte, se chamou *poya* o pão mais alto e crescido, que antigamente (e hoje mesmo, mas não sem abuso) se pagava ao senhoria dos fornos, em que são obrigados a cozer o seu pão os moradores do lugar . . . » (vid. *Elucidario*).

Demonstrado como fica o nenhum fundamento da opinião de Amaral Ribeiro, resta-nos apreciar agora o que sobre o mesmo assumpto diz o abade do Louro na sua «*Memoria Hist. de Barcellos e Barcellinbos*». E' o que faremos no proximo numero d'esta revista.

(*Continua*)

W.

Coisas velhas

V

Ao «Mercantil» de Manuel Forte de Sá segue-se na historia da imprensa barcelense «O Jornal do Povo» que foi contemporaneo, ainda que dous mezes, com «O Mercantil».

Depois do vencimento da eleição do fallecido snr. Fernando de Magalhães como deputado por Barcellos e filiado no partido historico, os conservadores de Barcellos não ficaram bem collocados.

Foi então que o meu inolvidavel amigo João Bettencuit, instigado por Faria Barbosa, chefe dos conservadores, tratou de crear um jornal de feição conservadora.

Comprou uma typographia e respectivo prelo ; e, de entre os seus muitos e dedicados amigos, reuniu pessoal edoneo para fazer vingar o seu empenho.

O corpo de redacção era composto de trez ecclesiasticos : P.^{es} João Baptista de Lima, Antonio Martins de Faria e Antonio Paes de Villas Boas. Editor responsavel, João Evangelista de Lima, pae do P.^e Baptista de Lima, e administrador — Francisco José Bento de Oliveira. Director da typographia, Agostinho Durães.

A redacção, composição e impressão do jornal, estava installada na casa, em que hoje habita o meu velho e presado amigo Dr. Antonio Martins de Souza Lima, e que então estava alugada ao Francisco José Bento d'Oliveira, que, nos baixos d'ella, tinha o seu estabelecimento de mercearia, de tamancos de mulher e deposito de vinhos da velha Companhia dos Vinhos do Alto Douro.

Tanto o primeiro como o segundo andar, para o lado da frente, eram occupados pela redacção do jornal, talqualmente se acha hoje installada a redacção de «O Commercio de Barcellos».

«O Jornal do Povo» semanario Religioso, politico e litterario. Editor responsavel — João Evangelista de Lima» publicou o seu primeiro numero em o domingo 1.º de Maio de 1864. — Barcellos typographia do Jornal do Povo, Rua Direita n.º 55. —

O banho da condessa

*N'essa tarde, ao entrar, a loira condessinha,
Cheia de sol, quizerá um banho perfumado,
E ha duas horas já havia mergulhado
Na tina d'alabastro o corpo de tainha.*

*Sorria! . . . No azulejo, a um canto, debruçado,
Um velho Pan fitava a harmoniosa linha
Das nymphas que, de longe, em multidão 'scarninha,
Lhe indicavam n'um riso o myrteiral sagrado.*

*E elle, sem um desejo, o Desejo que estua!,
Nem mesmo as via. . . N'isto, alva como um goelano,
Ergueu-se a condessinha, afogueada, louça.*

*E ao contemplal-a, então, lyrialmente nua,
Como o sol ao brotar da curva do oceano,
Brilharam de cobiça as orbitas de Pan.*

Coimbra - Julho - 1909.

JOÃO DE LEBRE E LIMA

O P.^e Baptista de Lima, que, a bem dizer, fazia então os seus primeiros ensaios no jornalismo, principiou de dar mostras de grande aptidão para este genero de trabalho, sendo, em breve trecho, o encarregado de escrever os artigos editoriaes do jornal; o resto era feito pelos dous — Martins de Faria e o auctor d'estas chronicas.

O jornal tinha correspondentes em Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, Fafe e até em S. Julião de Freixo.

A leitura do jornal era muito variada; havia tambem uma — secção Religiosa — em que collaboravam individuos de muita competencia, ecclesiasticos de valor.

Teve o jornal uma vida desafogada e prospera até ao fim do primeiro semestre, em que chegou a haver dividendo entre os trez redactores, menos para mim, que **não quiz receber nada.**

Entrou o *caruncho* na empresa apoz o 1.^o semestre, passando «O Jornal do Povo» a uma segunda phaze da sua existencia, de que tratarei no artigo seguinte.

A epocha balnear

Estamos no tempo em que as familias abastadas e as remediadas que podem fazer algumas economias, procuram as praias; umas para encontrar lenitivo para os seus sofrimentos e outras que, representam a quasi generalidade, para se distrair, e ainda outras procuram uma epocha de descanso e commodidade.

Parece impossivel que haja uma affluencia de banhistas tão extraordinaria, como se verifica em todos as praias do paiz.

Está tudo litteralmente repleto, poucas casas ha para alugar e os hoteis transformam em quartos as mais reconditas alcovas.

Está-se desenvolvendo um gosto tão ex-

traordinario, por esta epocha de distracção, que a praia é hoje parte integrante, da sociedade que se diz aristocratica e elegante.

O nosso paiz é abundantissimo em praias e riquissimo em aguas medicinaes, de propriedades as mais variadas.

No concelho temos as magnificas Caldas do Eirogo, a que deve estar reservado um futuro brilhante desde que se faça um grande reclame e sejam bem conhecidas as suas altas qualidades medicinaes.

O seu proprietario, homem de iniciativa e força de vontade, tem procurado melhorar tão aprazível estancia; procurando dotal-a com as commodidades inherentes a estabelecimentos congenes.



Pela agricultura

O desenvolvimento da cultura da cebola, pode ser uma grande riqueza para o concelho de Barcellos.

O agricultor pode auferir melhores lucros das terras que disponham d'agua de rega, cultivando ahi em larga escala a cebola e aproveitando em seguida a terra para nabal, verdes para gado, etc.

Dava margem a uma grande cultura intensiva, que teria de lançar mão dos adubos chimicos, para compensar o esgotamento da terra nos seus elementos nobres.

Em Valencia, a exportação de productos agricolas do seu concelho, attinge cifras importantissimas como tivemos occasião de verificar pelas estatisticas, que nos mostrou o sr. D. José Doménech.

Devemos attender a que a cebola é um dos principaes generos exportados; que o clima de Valencia é bastante aproximado do nosso e que a constituição das suas terras, segundo a opinião do sr. D. José, é quasi identica.

Correlativamente em esta grande exportação de productos agricolas, o porto de Valencia importa durante o anno milhares de contos de adubos chimicos; taes são as proporções que o seu emprego ahi está tomando.

O nosso agricultor teria um mercado para toda a sua producção, o que representa uma grande vantagem; porque, como todos sabem, para se

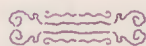
crear um mercado, é preciso dispendir muita energia e algumas vezes não é coroado de bom exito.

Já que nós não temos a coragem necessaria para as grandes emprezas, porque nos falta a inergia e o espirito emprehendedor, tractemos ao menos de facilitar a realisação de emprezas, que possam garantir um bom juro a quem arrisca os capitais e nos venha augmentar consideravelmente a nossa riqueza publica.

Para a exploração d'um milhão de caixas de cebola, durante os seis mezes que vão de agosto a março, precisavam sair de Barcellos diariamente dois comboios extraordinarios, empregando durante este tempo 980 operarios.

A villa seria mais movimentada, a estação do caminho de ferro teria necessariamente de ser ampliada; e tudo isto iria influir no extraordinario augmento da riqueza publica, que immediatamente se reflectiria nos melhoramentos materiaes da Villa.

O preço do quintal de cebola, seria o mesmo que no mesmo dia corresse em Valencia; para o que o sr. D. José se prontificava a pagar a um individuo nomeado pela camara, que lá residisse e mandasse telegraphicamente os preços.



Chronica ligeira

Ha duas quinzenas que não trago para as columnas do «Barcellos-Revista» as minhas pobres notas, sempre tracejadas ao correr da penna, n'uma agitada ancia de completar tarefa. Nada tem perdido com isso os leitores d'este quinzenario, já porque nem a minha prosa é de convite e, mesmo, porque coisa alguma houve digna de menção.

A vida em Barcellos decorre quasi sempre n'uma pacatez e serenidade que, ainda os maus propositos da politiquice, não conseguem alterar. Raro é o incidente notavel, o facto sensacional, o caso que nos venha tirar d'esta quietitude marasmatica, em que vamos assistindo ao enrolar dos annos no sarilho do tempo.

Nesta quinzena, porém, as coisas mudam de norma. Hoje mesmo (escrevo em 4) se está procedendo a um acto cujo conhecimento nos sacode e nos traz consolador espanto, tão raro elle é, não direi só



Barcellos — Caldas de Elrôgo — Edifício do Hotel

nos restrictos ambitos da nossa area concessão, mas tambem em toda a vastidão do territorio portuguez.

Trata-se da inauguração d'uma escola, na freguezia de Villa Cova, offerecida pela senhora D. Josephina Mendes do Valle Brochado !

Abre-se um novo templo á instrucção, o que no nosso paiz representa alguma coisa de extraordinario e é d'uma alta benemerencia, que não ha vocabulo assaz expressivo, que a possa exaltar ou definir convenientemente. Mas, reflectam bem, que essa grande obra é lançada sobre os auspicios generosos d'uma senhora !

Não é de surprehender ?

A lição dos factos dá-nos como tendencia favorita da munificencia femil, o exercicio estreito da caridade ou a dudiva voliva em testemunho de fé.

Ainda não ha muito que uma illustre e opulenta dama disse não «poder» contribuir para o cofre d'uma liga d'instrucção, embora na mesma occasião desbaratasse avultada somma n'um esplendoroso estandarte, que fizera questão d'offerter a uma congregação de sua devoção. Isto sim, é trivial. Agora attender ás grandes necessidades so-

ciaes e procurar remedia-las n'um rasgo subtil de philantropia intelligente, tornar-se em factor da redempção nacional pela diffusão do ensino, querer collaborar no rejuvenescimento da Patria pela pratica d'um secundo altruismo consciente e esclarecido, é bem raro e de tal modo invulgar, mormente por parte do sexo fragil, que a figura distincta e respeitavel de D. Josephina Brochado apparece no meu espirito assim como personagem de lenda.

A sua nobilissima acção ao mesmo tempo que revela um espirito bem orientado, assignala tambem alguma coisa de corajoso e heroico. O costume é outro, como já tive ensejo de referir e esta preclara senhora sobrepondo-se aos usos d'uma liberalidade, as mais das vezes esteril, affirma qualidades de mulher superior, cedendo aos impulsos d'uma elevada comprehensão, o que outros sacrificam a um triste snobismo da epoca ou a quaesquer outras circumstancias bem faceis de discriminar.

Bravo ! O seu nome merece a mais viva consagração e eu aqui o consigno n'um preito sincero de acrisolado respeito.

Que o seu exemplo fructifique e faça despertar novos incitamentos. Ha ali a «Liga Barcellense de Instrucção e Educação»,

que tem um vasto programma a realizar, uma grande missão a cumprir, mas que, para isso, bem precisa de que os que podem se lembrem d'ella. Auxilia-la «constitue» uma alta virtude cívica, tamanha, como a que acaba de praticar a benemerita senhora a quem renovo as homenagens da mais viva admiração.

M.

Cartas do Monte

Meus caros amigos:

Deram agora no grande relógio velho, de caixa de castanho, oito horas da noite, noite linda, luarenta, de um ceo cravejado de estrellas, d'esses brilhantes e mysteriosos mundos que tanto admiramos e nos fazem pensar.

Ouçõ o ladrar dos cães, lá por fóra, — talvez o *Rabicho* — e lá dentro, na cosinha, os grillos da lareira com o seu gri-gri, muito compassado, parecendo querer acompanhar a Thereza no seu triste *ó ó*, para adormecer o filhito,

O Manoel, com o seu lampeão de luz mortícia de azeite, sahio agora batendo com a porta da varanda, para ir deitar o *penso* ao gado, assobiando qualquer incompreensível moda tirada da sua cabeça e tropeando, com os pesados tamancos ferrados, nas carcomidas escadas de pedra que dão para o *quinteiro*.

Que hei-de eu contar-lhes, senão estas simples e rústicas, mas para mim encantadoras, costumeiras da aldeia?

Em tudo descubro encantos; desde o fallar ingenuo do lavrador até ao conjuncto grandioso de verdura que reveste caprichosamente, em linhas rendilhadas e sinuosas, toda esta encosta saluberrima e fecunda.

Que santa paz! Que poesia em tudo!

Aquí não ha invejas nem egoismos. Todos se estimam, todos se ajudam e com carinho; compartilham das alegrias e pezares, da casa d'este, ou da choupana d'aquelle.

N'esta solidão em que tão grato me é evocar recordações, recordações tristes que tantas vezes me humedecem os olhos e me trazem saudades, eu tenho retemperado o meu espirito e abrandado a dôr moral latente e cruel que ha tanto tempo me alanceia.

Mas... deixemo-nos de coizas tristes.

Hontem, já quasi noite, fui com o tio Custodio da Quinta até ao Cruzeiro, em cujos degraus nos sentamos e como depois de muito fallar se fizesse noite e a lua nos banhasse com o seu pallido reflexo, deixando ver melancolicamente a sua face pallida, manchada, eu perguntei ao tio Custodio, que passa aqui por um sabichão, o que seriam aquellas manchas.

—Ora até parece *incrível* — contestou o tio Custodio — que *vossinhoria* tendo estudado, e andando tanto lá pela *cidade*, não saiba o que são aquellas *sarranbaduras* na lua! Pois é *face-le*.

E contou-me esta historia:

Quando nosso Senhor andava pelo mundo, viu um *home* a cortar, com uma foice roçadoira, umas silvas que ajuntou para fazer assim a modos de uma *paveia* e que espetada n'um forcado levou ás costas.

Aprogrontou-le o Senhor para que andava elle a trabalhar ao domingo, quando era dia de descanso e sendo isso um grande peccado, ao que o *home* respondeu que seria verdade, mas que alli só elle o tinha visto e que tomaria por um *atalho*, para que mais ninguém o encontrasse.

Ouvindo isto, o Senhor encolerisou-se e disse-lhe: Já que *commetteste* tão grande falta e de todos te queres occultar, ficarás para sempre em sitio em que todos te vejam. E *chimplou co'elle na lua*.

Cra repare *vossinhoria*, e verá que aquella sombra é mesmo um *home* c'uma *paveia* ás costas!

—Ri-me da historia, mas, ao mesmo tempo, lamentei a sabedoria do tio Custodio!

Ficam pois com isto, os meus amigos, a saber o que são as manchas da lua, e a avaliar a ignorancia do nosso povo e principalmente a do nosso lavrador.

Até á proxima

ANTONIO.

Candido da Cunha

E' sempre gostoso ver elogiosamente referidos os meritos artisticos de um patricio — e meritos artisticos tem-nos, como poucos, Candido da Cunha.

O n.º 56 da primorosa *Arte* de Marques Abreu, é todo dedicado ao nosso distincto patricio Candido da Cunha, que á custa do seu estudo e persistencia no trabalho, se fez um pintor distinctissimo, destacando-se, sempre, no meio artistico.

Na pagina d'honra, a *Arte* insere o retrato do querido barcellense em primorosa simili-gravura sahida dos acreditados *ateliers* de Marques Abreu e seguem-se-lhe dez outras simili-gravuras de outros tantos quadros e esbocetos de Candido da Cunha.

Um bello artigo firmado por Jayme de Magalhães Lima, destaca com justiça o genio artistico do homenagiado e a cujas palavras gostosamente nos associamos.

O BANHO DE PHRYNÉ

*Deixa o thoro Phryné. O sol lubricamente
Anceia por beijar-lhe as curvas do contorno.
Treme-lhe o seio nu. Fulgem brilhando em torno,
O marmor' da Corinthia e o raro onyx do Oriente.*

*Cae na piscina argel a agua impaciente.
É quasi nua, aconchegando o niveo adorno,
Ella mais bella ostenta o regio seio morno,
Na rubra irradiação da carne impenitente!*

*Perto uma ancilla fêre a theorba d'ouro, e enquanto
Passam ibis no céu, niveas azas ruflando,
Despe Phryné sorrindo o precioso manto!...*

*É agua que a espera, a agua mansa e clara
Vae segredando a sós, vae baixinho contando,
Os beijos que dará n'aquella forma rara!...*

(Do Crotalos.)

RAUL MARTINS.

De relance

Dizem os jornaes e disse-o já esta Revista, que no dia 26 de setembro se effectua uma peregrinação d'esta villa á Virgem da Franqueira, tendo por principal objectivo o promover o inicio dos melhoramentos d'aquelle monte. Esta revista salientou, e muito bem, que, « como vê na projectada peregrinação um grande incentivo para se cuidar do aformoseamento do monte da Franqueira, sinceramente dá o seu apoio à commissão promotora » e frisa bem que, n'esta publicação, se « trata unicamente do que interessa a esta terra, procurando, por todos os meios, defender e prestar auxilio a tudo que seja para o engrandecimento moral e material de Barcellos ». Do mesmo artigo, destaco d'outro periodo :

« E estaremos sempre em opposição a tudo que seja para dificultar qualquer iniciativa util e reconhecidamente valiosa para os melhoramentos locais, parta a iniciativa de quem partir e venha a opposição de quem vier ». E mas abaixo, lê-se :

« E era assim, abdicando das suas crenças ou paixões politicas, que nós pretendiamos ver todos os elementos unidos, trabalhando pelo interesse de Barcellos. »

Foi mais uma vez posto em destaque o intuito

patriotico dos redactores do *Barcellos-Revista*, a cujo numero me honro de pertencer. É prova isto que nós — deixem-me fallar assim — apesar de todos termos affeição a este ou áquelle partido, pômos de parte essa affeição mais ou menos convicta para tratar, *exclusivamente, sinceramente*, dos interesses e melhoramentos locais. Nem a paixão politica nos cega nem o odio politico — que não temos — nos levaria a dizer mal da obra de um adversario — e adversarios tambem nós não temos, a não ser que se considerem adversarios nossos esses que abandonam, que esquecem ou desprezam, em troca do interesse politico, os interesses e melhoramentos da sua terra.

Não temos politica, nós, os redactores do *Barcellos-Revista*. Não a temos, nem a queremos em nosso seio, por que ella só serviria para anniquillar os nossos intuitos e para nos desviar do caminho que trilhámos.

E uma vez que a politica nos anniquillou já uma ideia, que foi essa da união dos chefes politicos, que consideramos provavel, para que havemos de pensar mais na politica ?

Fugi um pouco da linha que havia traçado, mas não fiz mal.

Não é demais salientar esta attitudo tomada, para que todos a conheçam.

Os melhoramentos no monte da Franqueira

impõem-se a todos os patriotas. Com intuito de incitar a inicia-los, se effectua, se bem cremos, a peregrinação proxima; e parece-me, ou posso quasi affirmar-o, que, em face do programma dos trabalhos da commissão que a promove, estou convencido de que ella alguma cousa ha-de deixar feito para o inicio dos melhoramentos do monte da Franqueira, em epoca bem proxima.

Que se effectue pois a peregrinação e que os seus promotores sigam o programma de trabalhos esboçado e que todos os barcelenses, isentos de paixões politicas, como o fazem os redactores do *Barcellos-Revista*, tratem, com interesse, do levantamento moral e material de Barcellos.

E' este o meu desejo — desejo sincero — porque sou barcelense e queria ver que todos os homens deixassem do interesse politico, para cuidarem de Barcellos.

J. S.



PERFIS MASCULINOS

XI

Este é pae das campainhas,
Parente do citophone.
Tio dos fios, das linhas,
Mede terrenos em cône.

Andou já pelos *Brazis*
A ver se arranjava massa;
Mas nem sequer dois ceitis
Lhe deu a sorte thalassa!

Concorreu, documentado,
A certo lugar *camb'vista*;
Mas surgiu-lhe um *afilhado*
Que lhe roubou a conquista!

Vem p'ra a villa *procurar*
Solicitando demandas;
Escreve em paz, com vagar
Faz *riscos para varandas*.

Mergulha o *zineco*, o *carvão*,
Deita *sal*, dá força às pilhas,
Toca ligeiro um *botão*,
Terrim-tim; gritam-lhe as *filhas*.

E' solteiro e por um triz
Que não está já casado!
Entende dos raios X
E mora do outro lado.

DOIS AMIGOS.

Ephemérides

BARCELLOS DIA A DIA

(Primeira quinzena de agosto)

1 de agosto de 1887. — Sae á luz da publicidade o primeiro numero do periodico «A Bibliographia».

3 de agosto de 1640. — Padecem martyrio em Nangasaki (Japão), por ordem do mikado, os nossos conterraneos Diogo Dias Milhão e Damião Francisco, este natural da freguezia de Santa Eulalia de Arnosinho, então do termo de Barcellos e hoje do concelho de Villa Nova de Famalicão e aquelle natural de Barcellos, enviados de Macau para tratar sobre o commercio.

4 de agosto de 1562. — El-rei D. Sebastião faz duque de Barcellos ao conde do mesmo titulo e sexto duque de Bragança D. João, filho de D. Theodosio e de D. Joanna de Lencastre.

5 de agosto de 1902. — A «Sociedade Litteraria Almeida Garrett», de Lisboa, expede uma circular para a camara de Barcellos, convidando-a a subscrever para o mausoleu de Garrett, no pantheon dos Jeronymos e a dar o seu nome a qualquer rua, praça ou largo da villa.

7 de agosto de 1815. — O ordinario approva os estatutos porque devia reger-se o coro da capella de S. José.

7 de agosto de 1879. — Começa a publicação da «Folha da Manhã».

8 de agosto de 1834. — Pelo valor com que se houve na batalha da Asseiceira, defendendo a casa liberal, foi nomeado cavalleiro da ordem da Torre e Espada, podendo usar da referida insígnia João Joaquim Pereira, 2.º sargento do regimento de Voluntarios da Rainha, natural de Barcellos.

11 de agosto de 1634. — O ordinario confirma os estatutos da irmandade clerical das Almas, erecta na antiga capella do Espirito Santo que ficava onde hoje é o jardim publico e que d'ella passou para a de S. José.

12 de agosto de 1830. — A camara transfere do largo do Poyo para fora da porta do Valle, o mercado diario de hortaliças, fructas e peixe.

14 de agosto de 1385. — Fallece, combatendo em Aljubarrota contra o Mestre de Aviz, o conde de Barcellos D. João Afonso Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor Telles. Fimda esta batalha foi armado cavalleiro Alvaro de Faria, filho mais novo de Nuno Gonçalves, o celebre alcaide do castello de Faria, que morreu heroicamente pelo não querer entregar aos castelhanos.

14 de agosto de 1707. — D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo primaz, lança a primeira pedra para a fundação do mosteiro de S. Bento, de Barcellos.

14 de agosto de 1867. — Começa a publicação do periodico, «Aurora do Cavado».

Nota: — Por nos faltar o espaço, ficam para o proximo n.º as notas referentes á 2.ª quinzena d'este mez.